

METODOLOGIA DO ENSINO DE LUTAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (UEFS)

METHODOLOGY FOR THE TEACHING OF WRESTLING DISCIPLINES: A REPORT ON THE EXPERIENCE IN THE UNDERGRADUATE SCHOOL OF PHYSICAL EDUCATION AT UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (UEFS)

METODOLOGÍA DE LA ENSEÑANZA DE LAS LUCHAS: DECLARACIÓN DE LA EXPERIENCIA DE LA GRADUACIÓN EN EDUCACIÓN FÍSICA EN LA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (UEFS)

Elson Moura Dias Júnior¹

Manuscrito recebido em: 29 de junho de 2021.

Aprovado em: 20 de outubro de 2021.

Publicado em: 16 de novembro de 2021.

Resumo

O que agora apresentamos é um relato de experiência de um processo de formação profissional em Licenciatura em Educação Física, tendo como componente curricular específico aquele que trata das lutas corporais: Metodologia do Ensino de Lutas. Experiência em desenvolvimento no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. O objetivo do presente relato é apresentar aos/às interessados/as na temática uma forma, dentre tantas possíveis, de formação que trate do referido conteúdo. Objetiva, portanto, além de servir como exemplo, ser objeto de necessária crítica. Apresentamos um resumo histórico que nos permite ter uma rápida leitura da criação e consolidação desse componente. Expomos, também, os pressupostos da disciplina (problemática, objetivos e avaliação), bem como sua lógica, ou seja, sua forma de organização (experimentos práticos e debates teóricos subjacentes). Com o exemplo de instrumentalização que agora expomos, objetiva-se que professores e professoras (em formação) sejam capazes de alcançar ao final da disciplina a capacidade de formular abstratamente uma síntese sobre as lutas, bem como se apropriem de formas didáticas pertinentes à socialização pedagógica dessa atividade humana.

Palavras-chaves: Formação; Educação Física; Lutas Corporais.

Abstract

What we now present is an experience report of a process of professional training in a degree in Physical Education, with the specific curricular component that deals with corporal fights: Fight Teaching Methodology. Experience in development in the degree course in Physical Education at the State University of Feira de Santana – UEFS. The purpose of this report is to present to those interested in the subject a form, among many possible, of training that addresses the

¹ Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professor na Universidade Estadual de Feira de Santana.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3197-7749>

Contato: emdjuni@uefs.br

aforementioned content. It aims, therefore, in addition to serving as an example, to be the object of necessary criticism. We present a historical summary that allows us to have a quick read of the creation and consolidation of this component. We also expose the presuppositions of the discipline (problematics, objectives and evaluation), as well as its logic, that is, its form of organization (practical experiments and underlying theoretical debates). With the example of instrumentalization that we now expose, the objective is that teachers (in training) are able to reach, at the end of the discipline, the ability to abstractly formulate a synthesis about the struggles, as well as appropriating didactic forms relevant to pedagogical socialization of this human activity.

Keywords: Formation; Physical Education; Bodily Fights.

Resumen

Lo que ahora presentamos es un relato de experiencia de un proceso de formación profesional en una licenciatura en Educación Física, teniendo como componente curricular específico el que trata de las luchas corporales: Metodología de la Enseñanza de Lucha. Experiencia en desarrollo en la carrera de Licenciatura en Educación Física de la Universidad Estatal de Feira de Santana - UEFS. El objetivo de este informe es presentar a los interesados en el tema una forma, entre muchas posibles, de formación que aborde los contenidos antes mencionados. Pretende, por tanto, además de servir de ejemplo, ser objeto de críticas necesarias. Presentamos un resumen histórico que nos permite tener una lectura rápida de la creación y consolidación de este componente. También exponemos los presupuestos de la disciplina (problemática, objetivos y evaluación), así como su lógica, es decir, su forma de organización (experimentos prácticos y debates teóricos subyacentes). Con el ejemplo de instrumentalización que ahora exponemos, el objetivo es que los docentes (en formación) sean capaces de alcanzar, al final de la disciplina, la capacidad de formular de manera abstracta una síntesis sobre las luchas, así como de apropiarse de formas didácticas relevantes para socialización pedagógica de esta actividad humana.

Keywords: Formación; Educación Física; Peleas corporales.

Introdução

O que agora apresentamos é um relato de experiência de um processo de formação profissional em Licenciatura em Educação Física, tendo como conteúdo específico as lutas corporais, também referidas como artes marciais e esportes de combate². Tal experiência tem se desenvolvido na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, na Bahia, há

² Três denominações mais frequentes na literatura revisada. Não nos cabe nesse momento um debate conceitual minucioso sobre cada um dos termos. Isso pode ser tarefa de produções futuras. Por ora, limitamo-nos a apontar a necessidade desse debate.

pelo menos 10 anos, com 11 semestres de oferta da disciplina Metodologia do Ensino de Lutas³, da qual sou o professor desde o início.

O objetivo do presente relato é apresentar aos/às interessados/as na temática uma forma, dentre tantas possíveis, de formação que trate do referido conteúdo. Objetiva, portanto, além de servir como exemplo, ser objeto de necessária crítica.

Cabe-nos relatar um resumo do histórico de criação, em caráter de disciplina optativa, e consolidação desse componente curricular, hoje em caráter de disciplina obrigatória⁴.

A prática pessoal de lutas corporais desde muito novo⁵, além de aprofundar o interesse pela modalidade, serviu de motivação para prestar vestibular para o curso de Licenciatura em Educação Física da própria UEFS (2000.2)⁶. Em 2006 sou aprovado em seleção pública para professor substituto da instituição⁷. Já como professor sou provocado, no sentido positivo do termo, pelo movimento estudantil de Educação Física, conhecedor dessa minha relação com as lutas, a ministrar cursos nos eventos (locais, regionais e nacionais) estudantis⁸. O conteúdo: as lutas corporais. Essas intervenções nos ajudaram a ter um diagnóstico, ainda que parcial, da ausência desse componente da formação dos futuros e futuras professoras de Educação Física. Momento, também, em que me deparo com a contradição de ser um praticante contínuo da modalidade, sem que isso significasse estudos sobre o tema. Passo a somar ao conhecimento empírico os estudos sistemáticos sobre essa atividade humana⁹.

³ Com suspensão de 7 semestres, quando ainda era uma disciplina optativa, por motivo de licença do ministrante da disciplina para cursar doutorado.

⁴ Para acessar na totalidade o Projeto pedagógico do curso, sugerimos: <http://www.educacaofisica.uefs.br/arquivos/File/PPPEUCFISICA.pdf> (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, 2018).

⁵ Judô e Tae Kwon Do, na infância; karate, dos 13 aos 26 anos, onde me graduo faixa preta da modalidade.

⁶ Alcançando grau de licenciado em 2005.

⁷ Sendo, em 2009, aprovado em concurso público, me tornando assim professor efetivo.

⁸ Semanas de Educação Física, Encontros Regionais de Estudantes de Educação Física (EREFE), Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física (ENEFE), dentro outros.

⁹ Tendo como última exposição das investigações, no momento de escrita desse relato, a tese de doutorado já defendida (Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia-UFBA) intitulada: “Contribuição à crítica da economia política do esporte: as relações entre a produção e circulação do *Mixed Martial Arts* (MMA) e a extração e realização da *mais-valia*” (2021). Nesse momento, o texto se encontra na fase de ajustes finais para depósito e publicação.

Por volta de 2011 a provocação, também no sentido positivo, veio do Colegiado do Curso. A proposta era criar a disciplina optativa Metodologia do Ensino de Lutas, até então, um déficit em nossa formação. Com isso propunha-se abordar no currículo o máximo das expressões singulares da cultura corporal: esporte, jogo, dança, ginástica, atividades aquáticas, capoeira¹⁰ e lutas.

Como fundamento mais geral, nos apoiamos na definição clássica do Professor Demerval Saviani sobre a natureza e especificidade da educação:

[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 2005, p.13)

E assim organizamos a ementa do componente curricular: “Estudo da luta: história, conceito, modalidade e métodos de ensino. A luta na contemporaneidade e suas interações socioculturais, bem como, a sua inserção como conteúdo da Educação Física, Esporte/Lazer” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, 2018, p. 129).

Esse resumo histórico nos permite ter uma rápida leitura da criação e consolidação do componente, sem que isso signifique estagnação. Defendemos ser esse um movimento ininterrupto de atualização que segue em desenvolvimento nas intervenções atuais. Para esse desenvolvimento e para contribuir na formação dos futuros professores e professoras, muito nos ajudará a crítica dos/as leitores/as desse relato.

Partimos agora a apresentar os pressupostos da disciplina, bem como sua lógica, ou seja, sua forma de organização.

Pressupostos da disciplina Metodologia do Ensino de Lutas (UEFS)

Tomamos como referência as formulações de Gamboa (2013, p.94-98), quando trata dos pressupostos da construção das perguntas de pesquisa e aponta, dentre outros, a

¹⁰ Já existente enquanto disciplina específica pela sua importância cultural.

relação entre a necessidade (situada no mundo concreto) problematizada e o/a sujeito/a “[...] sensível e crítico que se depara com essa necessidade e tem a capacidade de problematiza-la” (GAMBOA, 2013, p.95). Com essa referência apontamos o que convencionamos chamar de problemática da disciplina, bem como seus objetivos e avaliação.

Entendemos como sendo duas as problemáticas gerais que justificaram/justificam a criação/existência do componente curricular: a) a existência e difusão das lutas corporais sem ter necessariamente uma mediação pedagógica (intencional e sistematizada): atividades de rua, filmes/séries/novelas/desenhos animados, jornalismo convencional, programas esportivos, canais especializados, internet, espaços privados (academias), projetos sociais...¹¹ e; b) a limitada existência do componente nos cursos de formação em Educação Física (especialmente na Bahia)¹². Ou seja, embora essa não seja uma exclusividade da relação entre a Educação Física e as lutas corporais, cabe pontuar que a omissão da área à essa atividade humana não faz com que ela deixe de ser difundida. Porém, o será à revelia das mediações pedagógicas próprias do curso.

Já enquanto objetivos, apontamos: instrumentalizar o/a professor/a de Educação Física (em formação), ainda que não praticante de lutas, para ministrar aulas tendo essas modalidades enquanto conteúdo, bem como ter a possibilidade concreta de definir objetivos e avaliações e conteúdos e métodos. O que necessariamente pressupõe: a) ser capaz de identificar a luta corporal (arte marcial, esporte de combate) enquanto expressão da cultura corporal¹³ (de movimento¹⁴) e apropria-la teoricamente a partir da multiplicidade de determinações que compõem o fenômeno. Logo, temática a ser abordada enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física; b) identificar os elementos clássicos do conteúdo; c) identificar as melhores formas de socializa-lo para os/as estudantes (didática). Uma expressão singular daquilo que diz respeito ao objeto da educação: “[...] de um lado, à

¹¹ Reconhecendo nesses dois últimos espaços, intencionalidade e sistematização. Mas, não aquelas específicas da Licenciatura em Educação Física.

¹² Especialmente quando tomamos como referência o ano, 2011, de construção do componente curricular.

¹³ CASTELLANI FILHO (2009, p. 61-64), obra conhecida como Coletivo de Autores.

¹⁴ Opção que está presente no já citado Projeto Político Pedagógico de Graduação em Licenciatura em Educação Física da UEFS.

identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo” (SAVIANI, 2005, p. 13).

Momento de formulação importante para a defesa de que aprender determinada modalidade, bem como tornar-se mestre nela, é um objetivo a ser buscado nos próprios espaços específicos (e seus códigos) da luta corporal escolhida. Logo, apontamos aquilo que é possível aos professores e professoras (em formação) de Educação Física, ao mesmo tempo em que apontamos os seus limites. De igual modo, e contraditoriamente, a experiência pessoal e pretérita do professor da disciplina em questão também mostrou-se limitada para a formulação do componente curricular.

Compondo o outro polo do par dialético objetivo/avaliação, projetamos enquanto instrumentos avaliativos: a) uma sistematização inicial sobre o entendimento (sincrético) das lutas, bem como de seus traços essenciais; b) sistematização final sobre o conceito de luta (síntese) e os traços essenciais. Desta vez, os/as alunos/as deverão ser capazes de identificar o conceito abstrato “luta” nas suas mais diversas expressões; c) formulação de um plano de curso tratando especificamente do conteúdo lutas, nas suas mais diversas possibilidades de socialização pedagógica.

Para que sejam capazes de alcançar essa fase final, onde são capazes de formular abstratamente uma síntese sobre as lutas, bem como ter apropriado formas didáticas pertinentes à socialização pedagógica dessa atividade humana, os/as estudantes precisam ser instrumentalizados/as. Essa instrumentalização é o que agora apresentamos.

Lógica da disciplina Metodologia do Ensino das Lutas (UEFS)

Partindo do entendimento de que a lógica é o processo de organização do pensamento, apresentamos abaixo a lógica da disciplina Metodologia do ensino de lutas (UEFS), ou seja, apontamos como está organizada a disciplina.

Nosso entendimento sobre as lutas corporais pode ser assim sintetizado: de um lado temos uma modalidade que envolve o “[...] beligerante, agonístico, a sobrepujança, a sublimação [...]” (ARAUJO, 2015, p. 92). De outro lado e concomitantemente envolve uma

“[...] poderosa combinação de disciplinas intelectuais e físicas, análogas às empregadas por um músico ou dançarino profissional” (REID; CROUCHER, 1983). O conteúdo por dentro desta forma envolve o uso consciente de técnicas de combate: socos, chutes, caneladas, cotoveladas, joelhadas, tapas, cabeçadas, mordidas, pegadas de mão, desequilíbrios, varreduras de perna (rasteiras), projeções, amortecimentos de quedas, entorses, estrangulamentos, imobilizações, saltos, deslocamentos corporais, posições de perna (bases), etc. Inclua-se aí as lutas corporais utilizando as armas; fazem parte do processo de desenvolvimento histórico dos seres humanos produzindo e reproduzindo a vida (e lutando). Forma e conteúdo apanhados de forma contextualizada, ou seja, situada no tempo e no espaço (e em movimento).

Antes de abordarmos as lutas em suas expressões singulares, trabalhamos com os assim chamados “jogos de combate” (CARTAXO, 2013). É o que convençionamos chamar de lutas no sentido ampliado. O objetivo é, mesmo antes de tratar das modalidades em si, identificar através de jogos diversos e direcionados à esse fim, os traços essenciais (DUARTE, 2019) que estão presentes, em maior ou menor medida, enquanto elementos gerais das lutas: antagonismo, oposição, confronto que envolve o uso de técnicas e táticas de combate. As possibilidades são incontáveis quando se capta a ideia que lhes dá lastro. Aqui apenas alguns exemplos: queda de braço (braço de ferro), pisa pé, briga de galo, cabo de guerra, jogos de desequilíbrio, jogos de disputa de espaço, jogos de disputa de objetos, etc. Momento em que reforçamos o entendimento de que não é necessário ser um/a praticante de lutas¹⁵ para poder aborda-las pedagogicamente nas intervenções pertinentes aos/as professores/as de Educação Física. Nada impede, porém, que as relações de proximidade entre determinados jogos e as técnicas de modalidades específicas, sejam discutidas com os/as estudantes.

Já para organizar a experimentação das vivências específicas, ou seja, o que convençionamos chamar de lutas no sentido estrito, e diante das quase que incontáveis expressões singulares de modalidades existentes no globo, optamos pela separação

¹⁵ Estando o/a praticante impedido de tratar apenas da modalidade de sua vivência pessoal.

didático-expositiva¹⁶ das lutas a partir da distância entre os/as oponentes¹⁷. Nisso temos as lutas de longa, média e curta distância (BREDA et al, 2010).

No trato com as lutas de longa distância, partimos do entendimento que se tratam de modalidades que envolvem o uso de armas. E, portanto, o debate sobre as armas se impõe. Inicialmente as avaliamos enquanto a síntese entre o grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais¹⁸ e o grau de acirramento das tensões provenientes das relações sociais de produção¹⁹. Possibilitam um tipo de prolongamento anatômico e ampliam a abrangência e contundência do golpe. Ou, utilizando o argumento jurídico, armas são instrumentos, mecanismos, aparelhos ou substâncias que possibilitam uma vantagem na defesa ou ataque em relação à seres vivos e coisas (DEL-CAMPO, 2020).

Indo além, as classificamos enquanto: a) finalidade: armas próprias e armas impróprias²⁰; b) alcance: manuais ou de arremesso²¹; c) capacidade vulnerante: defensivas e ofensivas; d) portabilidade: fixas, semiportáteis e portáteis²²; e) Superfície de contato, o modo de ação e as características das lesões: ação simples²³ e ação composta²⁴ (DEL-CAMPO, 2020).

Dito isso, o grande desafio é abordar pedagogicamente as lutas de longa distância, possibilitando a apropriação dos traços essenciais do uso de armas, retirando delas justamente sua contundência. O uso de réplicas, simulacros, tem se mostrado a melhor alternativa²⁵. Na experimentação, temos tratado das técnicas da esgrima: sabre, espada e

¹⁶ Uma divisão que não pode ser absoluta já que no real existem muitas expressões de lutas que podem transitar em mais de um dos grupos; Krav Maga, por exemplo.

¹⁷ Reconhecendo que nesses dez anos fomos expostos à outras duas formas de divisão: a) a partir das regiões geográficas (lutas japonesas, chinesas, africanas, brasileiras...); b) a partir do tipo de contração muscular: lutas de contração dinâmica e lutas de contração isométrica.

¹⁸ Resultado da relação entre o ser humano e a natureza externa, mediada pelo trabalho, técnica e instrumentos. (MARX, 2010).

¹⁹ Se avaliarmos as armas apenas a partir do grau de desenvolvimento das forças produtivas, teríamos dificuldade de explicar por que o urânio enriquecido serviu para produzir a bomba atômica ao invés de apenas servir enquanto fonte alternativa de energia.

²⁰ Diz respeito ao fato de terem sido feitas para esse fim, ou não. Uma caneta usada para esse fim é uma arma imprópria, por exemplo.

²¹ Sendo essas últimas divididas entre simples e complexas – quando além do projétil, existe um aparelho arremessador.

²² Sendo essas últimas divididas entre armas brancas e armas de fogo.

²³ Perfurantes, cortantes e contundentes.

²⁴ Perfurocortantes, perfurocontudentes e cortocontudentes.

²⁵ Uso de jornal para produzir espadas, por exemplo.

florete. Já na abordagem teórica sobre o assunto, os usos podem aparecer como um todo²⁶.

As lutas de média distância, por sua vez, se configuram como modalidades em que os/as oponentes estão numa distância que possibilite o uso dos próprios membros para técnicas de ataque (movimentos percussivos) e defesa. Nos usos comuns, convencionou-se chamar seus praticantes de “*strikers*”²⁷ e/ou especialistas em “trocação” e/ou especialistas em luta em pé. Embora, no geral, com contundência menor que o uso de armas, o desafio de socialização das técnicas através das experimentações exige demasiado controle e/ou uso de equipamentos de proteção: luvas, capacetes, caneleiras, coquilhas²⁸, coletes, etc.; e/ou uso de equipamentos que retirem o alvo do/a oponente: saco de porrada/pancada, aparadores de chutes, manoplas²⁹, etc. As expressões singulares são das mais diversas: boxe, karate, tae kwon do, capoeira, muay thai³⁰, boxe chinês, etc.

As lutas de curta distância se configuram enquanto modalidades em que os/as oponentes estão em proximidade e contato pleno. O uso comum tem tratado como “*Grapplers*”³¹ ou lutadores/as de chão. As técnicas que lhes são comuns, em maior ou menor medida, são: as pegadas de mão, desequilíbrio, projeção, estrangulamento, entorse e imobilização. Assim, configuram-se, também, enquanto traços essenciais das lutas de curta distância.

Na explicação das três primeiras técnicas, abordamo-las como se fizessem parte de um complexo de 3/3 (três terços). Ou seja, se se está realizando uma luta de curta distância, a pegada (1/3), por exemplo, só fará sentido se conjugada às demais técnicas: o desequilíbrio e a projeção (respectivamente 2/3 e 3/3). Se se pula o desequilíbrio (2/3), partindo direto para projeção (3/3), as chances do contra golpe são maiores. Compõem assim uma totalidade que só pode ser explicada completamente a partir do entendimento

²⁶ Lembrando que estamos falando de formação em nível superior. Ainda que na teoria, adaptações são necessárias para a abordagem nos diferentes níveis da educação básica.

²⁷ Em tradução literal: atacantes.

²⁸ Proteção genital.

²⁹ Tipo de aparador que se veste nas mãos de quem vai aparar o soco, tal qual uma luva.

³⁰ Modalidade bastante representativa desse grupo, já que é conhecida como a luta das 8 armas: mãos, cotovelos, joelhos e canelas/pés.

³¹ Significando luta corpo-a-corpo.

das relações entre as técnicas. Já o estrangulamento, a entorse e a imobilização, se constituem enquanto partes inicialmente isoladas; o que significa que podem ser explicadas independente das demais técnicas. Não compõem necessariamente um complexo. Cada uma é seu próprio complexo³². As expressões singulares são também diversas: judô, ai ki dô, sambô, huka-huka, sumô, shuaijiao, etc.

Se ao término do debate das lutas no sentido ampliado, objetivamos identificar, através dos jogos de combate, quais seriam os traços essenciais das lutas, esse debate de luta no sentido estrito (longa, média e curta distâncias), objetiva que sejamos capazes de identificar: a) as singularidades de cada grupo de distância (relação externa), logo, a diferença entre os grupos; b) as singularidades das modalidades específicas de cada grupo (relação interna).

Para esse segundo movimento (lutas no sentido estrito) muito tem nos ajudado a apropriação teórica das diversas lutas – aikidô (UESHIBA, 2006), shuaijiao (ANTUNES, 2014), karate (FUNAKOSHI, 2014), judô (KANO, 2008; CRAVALHO, 2007), krav maga (LICHTENSTEIN, 2006), jiu jitsu brasileiro (VIRGÍLIO, 2017) e outros/as- e o convite aos/às mestres de cada modalidade que nos são possíveis. Nesses dez anos já tivemos enquanto convidados/as, mestres de: judô, kung fu (trabalhando com armas), boxe, muay thai e jiu jitsu brasileiro.

A abordagem das lutas, sentido ampliado e estrito, é em todo semestre, atravessada por debates de temas que são fundamentais para que nos apropriemos das modalidades, apanhando a multiplicidade de determinações que as compõem. Destacamos: luta corporal e cultura corporal, história das lutas, esportivização das lutas/MMA³³, a questão da violência e lutas e o debate de gênero.

Com o debate sobre luta e cultura corporal, objetivamos localizar a luta enquanto conteúdo da cultura corporal, logo, conteúdo a ser abordado pela disciplina Educação Física. Para tal, retomamos todo um debate sobre trabalho em sua dimensão ontológica³⁴

³² O que não anula, evidentemente, o fato de serem técnicas de um mesmo segmento de modalidades.

³³ *Mixed Martial Arts*. Em tradução literal: artes marciais mistas.

³⁴ Intercâmbio orgânico entre o ser humano e a natureza externa (ao ser humano): condição vital; teleologia; ser inconcluso e consciente de sua inconclusão; transforma a natureza e o ser humano; desenvolvimento das Forças produtivas materiais: ser humano, natureza e técnica, instrumentos. (MARX, 2010).

e histórica³⁵ (MARX, 2010); sobre os produtos desse trabalho: material e não material³⁶; localizando a luta corporal enquanto produção humana não material (em que o produto não se aparta do produtor no ato de consumo), situada historicamente e socialmente. Aqui, usamos os exemplos das lutas japonesas: karate, aikidô e judô; da luta israelense: krav maga e da luta afro-brasileira: capoeira.

Assim, tendo o entendimento de que Educação Física é a ação pedagógica que tem a função social de tematizar a produção humana acumulada historicamente, de tratar pedagogicamente a Cultura Corporal enquanto seu objeto de intervenção, o professor e a professora (em formação) vão entender a necessidade de utilizar a luta enquanto um de seus conteúdos.

O debate sobre a história das lutas objetiva trazer os fundamentos que nos fazem concluir estar a luta corporal situada social e historicamente. Assim, buscamos contornar entendimentos apriorísticos sobre a essência da modalidade. Pelo contrário, tendemos a defender a essência dessa produção humana como sendo o resultado dos seres humanos produzindo e reproduzindo a vida (e lutando).

Sabedores que não existe apenas uma forma de abordar historicamente o real, nos posicionamos entre aqueles/as que não limitam essa abordagem ao que os indivíduos fazem e falam:

[...] aqui, as pessoas só interessam na medida em que representam categorias econômicas, em que simbolizam relações de classe e interesses de classe. Minha concepção do desenvolvimento da formação econômico-social como um processo histórico-natural exclui, mas do que qualquer outra, a responsabilidade do indivíduo por relações, das quais ele continua sendo, socialmente, criatura, por mais que, subjetivamente, se julgue acima delas. (MARX, 2010, p. 18).

Tomamos os/as indivíduos/as como síntese das relações sociais que estabelecem e das expectativas que criam (FONTES, 2005). Nosso foco está na base material, nas relações sociais estabelecidas (e bem identificadas) pelos indivíduos. O exemplo do judô é bastante representativo: Jigoro Kano, seu criador, sistematiza a luta em 1882. Graduado em

³⁵ Formas históricas de expressão: trabalho primitivo, escavo, servil e assalariado.

³⁶ Em que o produto se aparta do produtor no momento do consumo e em que o produto não se aparta do produtor no momento do consumo. (SAVIANI, 2005, p. 11-22).

literatura, ciência política e economia política, teve a percepção das mudanças operadas num Japão em transição³⁷. Praticante do antigo *Jujutsu*³⁸, sintetiza as técnicas das antigas escolas em uma nova luta corporal: “[...] era necessário fazer uso mais eficiente possível das energias mental e física” (KANO, 2008, p.20). A abertura (forçada) das relações econômicas japonesas ao mundo capitalista (imperialista) promoveu intercâmbio e o judô emigrou ao mundo.

Por esse método, e para esse fim, separamos didaticamente a história da humanidade em três estágios:

A) “Estado selvagem” (ENGELS, 2002, p. 30): caracterizado por um “período em que predomina a apropriação de produtos da natureza, prontos para serem utilizados [...]” (ENGELS, 2002, p.30). Uma vida inicialmente isolada e posterior matrimônio entre grupos (ENGELS, 2002, p.37). Ou seja, baixo desenvolvimento das forças produtivas materiais e a consequente dependência extrema à natureza externa:

Os homens viveram nesse estado natural desde a sua primeira aparição como *Homo habilis* [...]. Havia harmonia entre eles e com a natureza. Caçavam quando sentiam fome, dormiam quando se cansavam e, quando a terra já não dava mais frutas e caça, mudavam pra outro lugar, dando ao solo uma chance de se restaurar, recuperar e renovar.” (LLOYD, 2008, p. 104)

O que nos é possível concluir a partir de nossos estudos é que este período pode ser caracterizado por um convívio permanente com a escassez. E, portanto, uma luta ininterrupta pela sobrevivência; o que envolve uma relação com a natureza, ainda que esta seja balizada, em última instância, por uma dependência extrema aos recursos naturais. Logo, lutas corporais aqui, se existiram, foram resultado de conflitos pontuais por conta da escassez de recursos.

B) nomadismo X sedentarismo: caracterizado, de um lado, por movimentos de êxodo em busca de terra e água (nomadismo); de outro, pelo desenvolvimento das forças produtivas materiais, sendo que aqui podemos destacar as ferramentas, a descoberta da capacidade de fazer fogo, a agricultura e a pecuária (sedentarismo). “A seleção artificial

³⁷ Transição entre o *Shogunato* (período feudal, 1110-1864) e a Restauração *Meiji* (capitalismo). (CARVALHO, 2007).

³⁸ Uma das práticas de luta corporal do Japão Feudal.

permitiu que as pessoas se estabelecessem porque toda a comida necessária podia ser cultivada num só local” (LLOYD, 2008, p.111).

No que nos interessa nesse levantamento, temos: “Desigualdades entre nômades militarizados e colonos indefesos provocaram uma corrida generalizada para produzir armas e construir defesas” (LLOYD, 2008, p.119). Ou seja, já encontramos expressões mais constantes de luta corporal.

Concluimos a partir do estudo destes dois períodos que, seja por sobrevivência ao ambiente hostil ou, em sua fase mais desenvolvida, por embates corporais, a luta foi uma força produtiva originalmente e organicamente. Pelo menos neste período é parte imprescindível da produção da vida. Não é um apêndice determinado. É constitutiva do modo de produção.

C) Consolidação da sociedade de classes: caracterizada não mais por divergências, problemas, choques, pequenos embates, etc. Estamos no período do antagonismo entre classes sociais; o triunfo da propriedade privada. Isso reestruturou toda a forma de organização das relações sociais. A luta corporal não ficaria eximida desta mudança. Agora é uma expressão direta da luta de classes; pelo menos uma das suas formas de expressão. Uma necessidade objetiva imperativa deste período: [...] o desenvolvimento das técnicas agonistas e os meios para sua transmissão para as novas gerações, em uma sociedade que assume a desigualdade de forma explícita, é condição *sine quo non* para regular as relações e ordenar a sociedade (ARAÚJO, 2015). A sociedade cindida em classes serve de pano de fundo para a difusão, como nunca antes, da cultura bélica; leia-se, também, das lutas corporais.

E a relação entre luta por sobrevivência, luta de classes e lutas corporais? Elas compõem uma unidade que não anula as suas singularidades. Nem toda luta por sobrevivência vai necessariamente desembocar numa luta corporal, mas, como vimos, a luta corporal é resultado das condições materiais; ora promovida pelas intempéries naturais, ora pelo desenvolvimento econômico-social (ou uma junção das duas condições). Fato é que é parte orgânica das forças produtivas materiais. É nesta base material (e a partir dela) que a luta corporal vai encontrar seus sentidos (suas motivações). A luta corporal vai sofrer influência das alterações estruturais (mas, não só delas).

No debate sobre esportivização/MMA, somos guiados pelas perguntas: a) por quê discutir esportivização ao tematizar pedagogicamente a luta corporal? b) O que é esportivização? c) Quais características das lutas corporais quando atravessadas pelo fenômeno da esportivização? d) Por quê discutir o *Mixed Martial Arts* (MMA) quando se discute esportivização das lutas corporais?

Em busca das respostas, dialogamos com obras de autores que tratam do fenômeno esportivo – Assis (2005), Bracht (2005) e Hildebrandt (2005) – para identificar a história do esporte e suas características fundamentais – sobrepujança e racionalidade (comparação) objetiva, bem como características que se desdobram dessas duas: record, competição, regras (unificadas), divisão por categorias, institucionalização, equipe (academia, clube, Estado, Nação...), doping, etc. E como essas características atravessam a luta corporal, se configurando enquanto a esportivização das lutas.

Aqui, o MMA aparece enquanto uma nova síntese: podemos pensa-lo enquanto uma modalidade, forma social de expressão da luta corporal, que se movimenta por dentro da sociedade da imensa acumulação de mercadorias e do espetáculo. É, aliás, até o momento, sua melhor representação. Sofre influências das práticas tradicionais (*Judô*, *Karate*, etc.), do primitivo “vale tudo” e do esporte. Aliás, o fenômeno da esportivização se mostrou responsável por possibilitar a aceitação desta nova modalidade, coisa mais difícil de acontecer quando das práticas antigas, entendidas como mais violentas. A regulamentação e universalização das regras (princípios do esporte) foi tratada como responsável direta pela diminuição (quando não extinção) da violência³⁹. A mídia apareceu não só como uma parceira, mas como responsável direta por direcionar estas práticas para a lógica do espetáculo e do consumo global. Por falar em consumo global, temos a criação e consolidação de uma modalidade de luta corporal completamente determinada (sendo,

³⁹ “[...] em 17 de novembro de 2000, a Comissão Atlética de New Jersey reconheceu que o MMA era uma modalidade esportiva a partir da homologação do Conjunto de Regras Unificadas do MMA. Basicamente, as regras efetivadas pela própria organização serviram de esboço basilar para o estabelecimento da regulamentação oficial pelas CAs. [...]. A partir da homologação, ocorrida em novembro de 2000, o UFC passou a ser oficialmente reconhecido como uma entidade promotora de eventos de modalidade esportiva *Mixed Martial Arts*. A partir deste momento, as inclusões de regras deveriam ser reportadas às CAs e estas poderiam ou não as aprovar. Além disso, normativas referentes à proteção da integridade física dos lutadores poderiam ser impostas ao evento” (LISE, 2018, p.100-101).

também, determinante) pela conjuntura de um capitalismo do século XXI: fluidez, velocidade, lógica intensa de concorrência, individualismo, empreendedorismo, tensão entre local e global, flexibilização, etc.

O debate sobre o tema da violência ganha importância por ser determinante para duas posições que buscamos superar: o pessimismo ingênuo que vê na luta um sinônimo de violência, logo, sem ser possível sua socialização; e a posição otimista ingênuo que vê na luta um instrumento de superação das relações violentas. Procuramos transitar por dentro dessa contradição e entender a violência também situada no tempo e no espaço.

Logo, além de abordar seu significado⁴⁰ e o entendimento jurídico da relação entre lutas corporais e violência⁴¹, avançamos na discussão da violência (e a relação com as lutas) enquanto: a) “potência econômica” (MARX, 2010, p.864)⁴²; b) caráter excepcional; c) mercadoria; d) e atividade tolerada, limitada e desejada. Tendo cada uma dessas caracterizações explicadas à luz do entendimento das lutas corporais. Por exemplo, o debate do tolerado, limitado e desejado se refere à violência presente no MMA.

Por fim, o debate de gênero ganha importância por ser, em pleno século XXI, um importante balizador das práticas, ou não, dos esportes de combate. Por mais que tenhamos alguns avanços, ainda temos uma sociedade intensamente marcada pelo machismo/patriarcado/misoginia e heteronormatividade/LGBTQI+fobia. Tendo essas marcas uma profunda influência nas práticas esportivas que são pretensamente dirigidas para homens e mulheres, heterossexuais e LGBTQI+. Até o momento de fechamento da escrita desse relato, ainda estamos na fase de levantamento de referências que apanhem uma síntese possível e mais avançada nos debates relacionados às questões de gênero, bem como nas interfaces entre esse e o conteúdo lutas corporais.

⁴⁰ Violência: “qualidade de violento; ato violento; ato de violentar; agressão” (BUENO, 2000, p.653).

⁴¹ “Há quem entenda se tratar de um esporte muito violento, porém, sob o ponto de vista jurídico, a violência corresponde ao exercício regular de direito, eis que as regras da competição não são vedadas em lei e os participantes anuem a elas, ou seja, expõem-se aos riscos. Portanto, o código Penal Brasileiro prevê o exercício regular de um direito como excludente de ilicitude, tendo em vista que se uma conduta é admitida por outro ramo do Direito, não pode ser objeto de punição pela legislação criminal.” (DE SOUZA, 2012, p. 95).

⁴² “A força é o parceiro de toda sociedade velha que traz uma nova em suas entranhas. Ela mesma é uma potência econômica” (MARX, 2010, p.864).

Assim, ainda que entendendo que o que agora expusemos é parte de um movimento ininterrupto, apresentamos a forma atual de instrumentalização dos estudantes de Educação Física para que sejam possíveis de alcançar os objetivos traçados para esse componente – Metodologia do Ensino de Lutas (Uefs)- e que já foram expostos acima. *Yamé*⁴³!

Considerações Finais

Como os objetivos desse relato estiveram limitados pela necessidade de qualificar a intervenção, logo, solicitando as necessárias críticas a partir dessa exposição, muito pouco podemos avançar aqui antes de sua publicação.

Sobre os resultados de nossa intervenção na disciplina, ainda não dispomos de tempo para uma análise científica (e, portanto, rigorosa), nem acessamos avaliações científicas advindas de outros/as pesquisadores/as. Limitamo-nos, portanto, às avaliações empíricas (reconhecendo suas limitações): a) busca pela disciplina quando ainda figurava enquanto optativa, b) a sua transição ao caráter de obrigatória, c) relatos (falados e escritos) dos/as estudantes sobre a importância da disciplina, d) monografias escritas sobre o conteúdo, e) relatos sobre como as intervenções de estágio obrigatório (II, III e IV) foram enriquecidas com o conteúdo lutas; os/as estudantes demonstram mais segurança em intervir nas escolas, com esse conteúdo.

Referências

ANTUNES, Marcelo Moreira. Introdução ao shuaijiao: teoria e prática. São Paulo: Phorte Editora, 2014.

ARAUJO, Benedito Carlos Libório Caires. **As armas da crítica à crítica das armas**: o trato com o conhecimento da categoria luta corporal no currículo de formação de professores de educação física da UFS. Tese (doutorado em educação), Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2015.

⁴³ Forma como a tradição das lutas japonesas avisa do final de alguma atividade de lutas.

ASSIS, Sávio. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. 2 ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2005.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

BREDA, Mauro et al. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte, 2010.

BUENO, SILVA. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000.

CARTAXO, Carlos Alberto. **Jogos de Combate**: Atividades recreativas e psicomotoras: teoria e prática. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

CARVALHO, Mauri de. **Judô**: ética e educação: em busca dos princípios perdidos. Vitória: EDUFES, 2007.

CASTELLANI FILHO, Lino [et al.]. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2 ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

DE SOUZA, Gustavo Lopes Pires. Os atos violentos nas lutas de UFC: Exercício regular de direito. In: IMDD. **Direito esportivo e esporte**: temas selecionados – Volume III. Salvador: Ômnira, 2012.

DEL-CAMPO, Eduardo Roberto Alcântara. **Enciclopédia Jurídica da PUCSP, Tomo Direito Penal, Edição 1 (agosto de 2020), Armas**. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/412/edicao-1/armas>. Acesso em 05 de maio de 2021.

DUARTE, Newton. **A Individualidade para-si**: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

ENGESL, Friedrich. **A Origem da Família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Centauro, 2002.

FONTES, Virgínia. **Reflexões im-pertinentes**: história e capitalismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2005.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karatê-Dô Kyōhan**: o texto mestre. São Paulo: Cultirx, 2014.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Projeto de pesquisa, fundamentos lógicos**: a dialética entre perguntas e respostas. Chapecó: Editora Argos, 2013.

HILDEBRANDT, Reiner. **Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física**. 3 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

KANO, Jigoro. **Judô Kodokan**. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

LICHTENSTEIN, Kobi. **Krav Magá: a filosofia da defesa israelense**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LISE, Riqueldi Straub. **Cerceamentos, coerções e esportividade no Ultimate Fighting Championship (UFC)**. 280 p. 2018. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. 2018.

LLOYD, Christopher. **O QUE ACONTECEU NA TERRA? A história do planeta, da vida e das civilizações, do Big Bang até hoje**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2008.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 27 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

REID, Howard; CROUCHER, Michael. **O caminho do guerreiro**. São Paulo: Cultrix, 1983.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

UESHIBA, Morihei. **Budô: ensinamentos do fundador do Aikidô**. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. **Projeto político pedagógico do curso de graduação em licenciatura em educação física**, 2018. Disponível em: <http://www.educacaofisica.uefs.br/arquivos/File/PPPEDUCFISICA.pdf>. Acesso em 01 de junho de 2021.

VIRGÍLIO, Stanlei. **Conde Koma: o invencível yondan da história**. 2 ed. Campinas: Editora Átomo, 2017.